

NATHAN

Ha centenas de anos, vivia um homem no Oriente que possuía um anel de imenso valor, recebido de mão querida. A pedra, que era uma opala, apresentava mil lindas côres, e tinha a força secreta de tornar agradavel perante Deus e perante os homens aquele que a usasse nesta fé e confiança. Por que maneira extraordinária é que o oriental nunca tirou o anel do dedo e fez disposições para que jamais saísse de sua casa? Foi assim: Deixou o anel ao filho mais querido e determinou que éste, por sua vez, o deixasse áquele dos seus filhos que mais estimasse, sem atender á ordem do nascimento, para que aquêle que fosse o mais querido, se tornasse, só pela virtude do anel, o chefe o principal da casa... Compreendes-me, Sultão?

SALADINO

Compreendo ! Adiante !

NATHAN

Êste anel, de filho para filho, assim chegou finalmente a um pai de tres filhos, que eram igualmente obedientes, e que êle não podia deixar de amar sem distinção. Só de tempos a tempos se lhe afigurava ora êste, ora aquêle, mais digno do anel, conforme cada um deles se encontrava a sós com o pai, e os outros dois não tomavam parte nas ternuras do seu coração. Isto foi andando enquanto pode ser. Só quando estava para morrer, é que o bom do pai se viu em embaraços... Custava-lhe magoar assim os outros dois filhos, porque todos estavam confiados na sua palavra... Que fazer?... A ocultas, ordenou a um ourives que lhe fizesse pelo modelo do seu anel outros dois exactamente iguais áquêle, sem olhar nem a trabalho nem a despesas. O ourives conseguiu o desideratum ! Quando trouxe os aneis, o próprio pai não os distinguiu do modelo. Contento e feliz, chamou os filhos, cada um por sua vez ; a cada um deu a benção e o anel... e morreu. Ouviste, Sultão ?

SALADINO (que se perturba e se afasta)

Ouçó... Segue o teu conto até ao fim. E então ?

NATHAN

Estou no fim ; o que se segue já se com-

preende por si... Apenas o pai morreu, cada um se apresentou com o seu anel e quiz ser o chefe da casa. Investiga-se, ha zangas, faz-se o processo. Em vão: o verdadeiro anel não era reconhecivel. (*Depois duma pausa, durante a qual esperou resposta de Sultão*).

— Não era reconhecivel como neste momento a verdadeira crença.

SALADINO

Como? É essa a resposta á minha pergunta?

NATHAN

Não é resposta, é desculpa, por me não atrever a distinguir os aneis que o pai mandou fazer com o propósito de ninguem os distinguir.

SALADINO

Os aneis! Não brinques comigo... Entendo que as religiões que te nomeei podem distinguir-se bem. Até no vestir, no comer, no beber!

NATHAN

Mas pelo lado do seu fundamento, não... Então não se baseam todas na Historia escrita ou oral? E a Historia deve ser admitida piamente e de boa fé! Não?... Em que boa fé acreditamos mais? Na dos nossos? Na daquêles de cujo sangue rescendemos? Na daqueles que, desde a infancia, nos teem dado provas do seu amor? Na daqueles que nunca nos enganaram, a não ser quando era prefe-

rivel o engano? Como posso eu ter menos fé nos meus pais do que tu nos teus e inversamente? Posso exigir de ti que desmintas os teus ascendentes? O mesmo se dá com os cristãos. Não é verdade?

SALADINO

(Áparte) — Pelo eterno Deus! O homem tem razão. Devo calar-me!

NATHAN

Voltemos aos nossos aneis. Como disse, os filhos questionaram, e cada um jurou ao juiz ter recebido o anel da mão do proprio pai — como era verdade. Que, havia muito tempo, lhe fizera a promessa de gosar o poder do anel — como era verdade. O pai — afirmava cada um — não o podia ter enganado, e, em vez de acreditar em tal falta de seu querido pai, apesar de amar seus irmãos, êle os acusava de falsificadores e que bem havia de conhecer os traidores para logo se vingar.

SALADINO

Então, o juiz? Anceio por ouvir o que tu fazes dizer ao juiz. Fala!

NATHAN

O juiz disse: — «Se me não trouxerdes depressa o vosso pai para o campo da disputa, despeço-vos do meu tribunal. Pensais que estou aqui para decifrar enigmas? Ou esperais que

o verdadeiro anel tome a palavra? Mas, um momento! Ouvi dizer que o verdadeiro anel possui a virtude milagrosa de tornar amavel e amado o possuidor, perante Deus e perante os homens. Isto deve decidir! Porque os aneis falsos não podem produzir esse efeito... Qual de vós ama mais os outros dois?... Vá, dizei... Calais-vos? Então, o anel tem virtude negativa, não exterioriza a sua força? Cada um de vós ama só a si proprio? Oh! Então, todos tres sois ludibriadores enganados! Nenhum dos vossos aneis é o verdadeiro... O verdadeiro anel certamente perdeu-se. Para occultar, para dissimular a perda, o vosso pai mandou fazer estes tres».

SALADINO

Magnífico! Magnífico!

NATHAN

«E — continuou o juiz — se não quereis uma sentença em vez dum conselho retirai-vos! Mas o meu conselho é êste: tomai as coisas como elas são. Cada um de vós recebeu o anel de seu pai: julgue cada um que o seu anel é o verdadeiro...

«Certamente o vosso pai não queria por muito tempo a tirania de um só anel em sua casa!.. Certamente êle vos amou a todos tres igualmente; e não quiz, oprimir dois, para favorecer um só... Que sem preconceitos cada um se guie pelos preceitos do verdadeiro amor! Que cada um se esforce por trazer á luz do dia a virtude do anel! Que pela ternura, pela virtude, pela igualdade de character,

pela caridade, pela firme confiança em Deus— cada um o auxilie, e quando o condão da pedra se manifestar em vossos filhos, após milhares de anos, eu vos convidarei de novo para êste tribunal. Então, estará aqui um homem mais sábio do que eu, e falará! Ide!»
Assim falou o modesto juiz.

SALADINO

Deus! Deus!

NATHAN

Saladino, se tu te sentes mais sábio do que êste homem...

SALADINO (que se aproxima rapidamente de Nathan, pegando-lhe na mão, que não larga mais até ao fim da scena).

Eu pó? Eu nada? Oh! meu Deus!

NATHAN

Que tens, Sultão?

SALADINO

Nathan, querido Nathan!... Os milhares de anos do teu juiz não se passaram ainda... O seu fôro não é o meu... Vai, vai! Mas sê meu amigo.